

# Acerca do *Ritornello* e Musicalização Infantil

Vera Bloch Wrobel\*

## Resumo

Este trabalho teve origem na leitura do texto *Acerca do Ritornello* (Deleuze e Guattari, 1997), no qual os autores descrevem o papel do *Ritornello*, acentuando a marcação do território através do canto dos pássaros. Três momentos são assinalados nesse processo: o caos, a morada e o cosmo. Partindo desse modelo, o texto estabelece uma analogia entre estes três momentos e alguns processos de musicalização infantil que, assim como o canto dos pássaros, contribuem para que as crianças marquem seus próprios territórios.

**Palavras-chave:** Território, Crianças, Musicalização.

This paper was derived from the reading of *Concerning the Ritornello* (Deleuze and Guattari, 1997), where the authors describe the *Ritornello's* role when birds register their territories through singing. Three moments are pointed out during this process: chaos, dwelling and cosmos. Starting from this model, the paper establishes an analogy between these three moments and some processes of children's musicality development which contribute, as the birds' singing, to children register their own territories.

**Key-words:** Territory, children, musicality.

Este trabalho foi inspirado na leitura do texto *Acerca do Ritornello*, da autoria de Gilles Deleuze (1925 - 1995) e Felix Guattari (1930 - 1992), ambos filósofos contemporâneos de origem francesa. Nossa idéia principal é estabelecer um elo de ligação entre os três aspectos do *ritornello*, "forças do caos, forças terrestres, forças cósmicas: tudo isso se afronta

---

\*Graduada em Piano e em Musicoterapia pelo Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro. Mestre em Educação Musical pelo mesmo Conservatório.



e concorre no ritornello”<sup>14</sup> e alguns processos de musicalização infantil.

A função básica do ritornello é marcar o território como os pássaros, que marcam o seu espaço com o canto. Os autores afirmam que o ritornello pode ganhar outras funções: amorosa, profissional ou social, litúrgica ou cósmica. Acreditamos que a função educativa também possa ser acrescentada às demais, assim como a terapêutica.

Os três aspectos do ritornello se sucedem em um processo de evolução. Inicialmente o caos, o buraco negro. Segue-se a organização de um espaço limitado em torno de um centro ainda frágil e incerto. E, finalizando, o círculo se entreabre em uma nova direção, de encontro a novas forças.

Violeta de Gainza, psicopedagoga musical de origem argentina, descreve a importância da música dentro do trabalho de musicalização “penetrando no homem, rompendo barreiras de todo tipo, abrindo canais de expressão e comunicação a nível psicofísico, induzindo, através de suas próprias estruturas internas modificações significativas no aparelho mental dos seres humanos”.<sup>15</sup>

Esta afirmação de Gainza nos leva a uma reflexão sobre as etapas do ritornello, principalmente a terceira, quando ocorre a abertura do círculo, o encontro com o outro lado, a passagem dos meios para a criação, a improvisação.

Mas improvisar é ir ao encontro do Mundo ou confundir-se com ele. Saímos de casa no fio de uma cançãozinha. Nas linhas motoras, gestuais, sonoras que marcam o percurso costumeiro de uma criança, enxertam-se ou se põem a germinar linhas de errância, com volteios, nas velocidades, movimentos, gestos e sonoridades diferentes.<sup>16</sup>

Mas vejamos inicialmente a primeira etapa do ritornello, ou seja, o caos, a escuridão: o feto no útero materno, as primeiras sensações, os primeiros registros auditivos. Desde esta fase, passando pelo nascimento e pela primeira infância, os sons já estão sendo registrados e armazenados na memória auditiva do pequeno ser.

“Os sons pré-existem, são muito arcaicos, os sons de sempre. Ao nascermos, ouvimos todos os sons. Ao começarmos a enxergar e depois a ler, estamos distantes de uma visão abrangente, de todos os signos, mas, em contrapartida, escutamos todos os sons possíveis. Não há mais nenhuma surpresa a não ser reencontrar esses sons. A função artística consiste em reconfigurá-los”.<sup>17</sup>

<sup>14</sup> DELBUZE, Gilles e GUATTARI, Felix, 1997, p. 118.

<sup>15</sup> GAINZA, Violeta, 1988, p. 101

<sup>16</sup> DELBUZE, Gilles e GUATTARI, Felix, 1997, p. 117

<sup>17</sup> BAYLE, François et al - nº 10 - Penser/créer - 1988.



A função artística de reconfiguração dos sons armazenados justifica alguns caminhos da música contemporânea com suas tendências tímbricas acima das melódicas ou harmônicas. Conforme já mencionamos anteriormente, as funções educativa e terapêutica também resgatam esses sons, fato comprovado pela educação musical e pela musicoterapia. Na prática musicoterápica, por exemplo, verifica-se que na evolução das doenças neuro-degenerativas, que em geral atingem os idosos, a memória recente costuma ser afetada ao passo que a memória evocativa costuma ser preservada. Em termos terapêuticos atua-se, nesses casos, com os sons arcaicos evocados pelo cliente.

A primeira etapa do ritornello corresponde à vivência do feto e do bebê, suas impressões sonoras nesse período mergulhado na escuridão, em que as cantigas de ninar e o balanço corporal da mãe cumprem o papel de ajudar a iluminar o caminho ainda tênue e inseguro do princípio da vida. E à medida que o bebê cresce, ele começa a repetir o que ouve, ocorrendo a aprendizagem natural, espontânea, imitativa, que caracteriza a primeira infância.

“Uma criança no escuro, tomada de medo, tranqüiliza-se cantando. Ela anda, ela pára, ao sabor de sua canção. Perdida ela se abriga como pode, ou se orienta bem ou mal com sua cançãozinha”.<sup>18</sup>

Já podemos argumentar em termos de educação musical. Ela se inicia no lar, na família, na creche, na comunidade. À medida que a música ocupa algum espaço no ambiente infantil, o caos pode vir a se dissipar. A canção “é como o esboço de um centro estável e calmo, estabilizador e calmante no seio do caos. Pode acontecer que a criança salte ao mesmo tempo que canta, ela acelera ou diminui seu passo; mas a própria canção já é um salto: a canção salta do caos a um começo de ordem no caos, ela arrisca também deslocar-se a cada instante”.<sup>19</sup>

Conforme citado pela professora alemã Inger-Marie Amtmann, há um programa de musicalização para fetos desenvolvido por Lorna Zemke, no Silver Lake College, em Wisconsin, EUA.

Segundo Alfred Tomatis, especialista francês em audio-psicofonologia, “o cérebro do feto filtra sons profundos como o constante fluxo sanguíneo ou movimento peristáltico, e libera o ouvido para receber informações de natureza mais significativa e estimulante como as frequências mais altas da voz materna”.<sup>20</sup>

O programa citado se chama Lovenotes (Notas de Amor) e proporciona ao feto contato com a voz da mãe. Inclui não apenas músicas

<sup>18</sup> DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix, 199, p.116.

<sup>19</sup> Ibid, p. 116.

<sup>20</sup> AMTMANN, 1997, p. 67.



folclóricas com as letras alteradas por palavras suaves que falam de amor e expectativa pela chegada do bebê, mas também a utilização de instrumentos de percussão com movimentos rítmicos junto ao abdômen e da cadeira de balanço ao som de cantigas de ninar. As futuras mães são estimuladas a preparar uma fita cassete com músicas escolhidas por elas para serem ouvidas durante o parto. Relatos da experiência confirmam que, após o nascimento, as músicas desse programa relaxam os bebês e também os pais em momentos mais tensos. Esse programa pode se prolongar durante o crescimento do bebê até a pré-escolaridade

O que podemos deduzir a partir da descrição desse programa é que já se configura uma musicalização na vida intra-uterina, que continua na primeira infância atuando diretamente na escuridão e isolamento que caracterizam esse período, atenuando e tranquilizando a passagem do caos para a morada. Como afirmam os autores de *Acerca do Ritornello*:

“Há sempre uma sonoridade no fio de Ariadne. Ou o canto de Orfeu”.<sup>21</sup> A segunda etapa do ritornello é o estar em casa, a marcação do território, a delimitação do espaço. A formação de um círculo traz gradativamente a sensação de segurança, a escuridão se dissipa, o caos desaparece à medida que a realidade se organiza.

“Há toda uma atividade de seleção aí, de eliminação, de extração, para que as forças íntimas terrestres, as forças interiores da terra não sejam submersas, para que elas possam resistir, ou até tomar algo emprestado do caos através do filtro ou do crivo do espaço traçado”.<sup>22</sup>

O feto acalentado no útero é agora um bebê que se desenvolve, abre os olhos, vê o mundo, senta, engatinha, levanta, anda, brinca, descobre o espaço, as pessoas, reconhece, sorri. Paralelamente, reage aos sons, bate palmas, balança o corpo acompanhando ritmos espontâneos ou provocados. Esta criança já está demarcando seu território (como o canto do pássaro), mergulhada no mundo sonoro de seu meio: vozes, sons ambientais ou provenientes de instrumentos musicais ou de brinquedos rítmico-sonoros, músicas de equipamentos de som e de televisão, ruídos de aparelhos eletro-domésticos e de computadores e, quando possível, ruídos da natureza (em geral ofuscados pelos demais).

“Ora, os componentes vocais, sonoros, são muito importantes: um muro de som, em todo caso um muro do qual alguns tijolos são sonoros.”<sup>23</sup>

Na fase que precede a escolaridade, as crianças começam a frequentar creches e pré-escolas (quando a realidade sócio-econômica per-

<sup>21</sup> DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix, 1997, p. 116

<sup>22</sup> Ibid, p. 116.

<sup>23</sup> Ibid, p. 116.



mite), onde são estimuladas através das mais diversas atividades lúdicas. Os objetivos dessa estimulação visam o desenvolvimento psicomotor, a aquisição da linguagem, a criatividade e sensibilidade e também a formação de hábitos. O processo de musicalização é recomendado nessa fase. Segundo Frances Weber Aronoff, educadora musical norte-americana:

“O papel da educação musical na primeira infância está bem definido: deve conservar e desenvolver as respostas naturais da criança diante de valores estéticos. Nas experiências com movimentos e sons, como a aprendizagem cognitiva se realiza, em formas não verbais - diretamente pela percepção - os conceitos podem evoluir partindo da experiência pessoal e do descobrimento”.<sup>24</sup>

Aronoff desenvolveu uma pedagogia musical destinada à fase pré-escolar, fundamentada basicamente pelo conceito de aprendizagem através do descobrimento, inspirando-se na teoria de aprendizagem de Jerome S. Bruner (psicólogo norte-americano), que assinala três formas de elaborar e representar a informação do meio ambiente:

1ª enativa, através da ação e da manipulação;

2ª icônica, através da organização perceptiva e da imagem auditiva, cinestésica e visual e,

3ª simbólica, através de palavras e outros símbolos.<sup>25</sup>

De acordo com Aronoff, as crianças conhecem a música através das formas enativa e icônica, características da experiência musical no período infantil. Um exemplo são as brincadeiras de roda nas quais forma-se o círculo, as crianças se dão as mãos, se movimentam, cantam, dançam, se sentem seguras, mais um espaço conquistado.

“Para obras sublimes como a fundação de uma cidade, ou a fabricação de um Golem, traça-se um círculo, como numa roda de criança, e combinam-se consoantes e vogais ritmadas que correspondem às forças interiores da criação como as partes diferenciadas de um organismo”.<sup>26</sup>

Mas Aronoff acentua em seu trabalho a importância do processo simbólico que frequentemente é deixado de lado, como se a musicalização constasse apenas de atividades lúdicas sem alcançar os aspectos cognitivos. A autora demonstra em sua obra como os parâmetros dos sons podem ser utilizados nas atividades musicais do período pré-escolar, incentivando a criança e promovendo a prontidão para a escolaridade que se aproxima.

O ritornello já aparece em sua terceira etapa. O círculo se entreabre, novas experiências de vida surgem. O estar em casa, a morada, já

<sup>24</sup> ARONOFF, Frances Weber, 1974, p. 20.

<sup>25</sup> Ibid, p. 7.

<sup>26</sup> DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix, 1997, p. 116.



está sendo ultrapassada, atingindo-se o mundo externo, a escola, a interação com outros seres, a multiplicidade de experiências novas: sons diferentes daqueles ouvidos no útero, no lar, no jardim-de-infância.

“Agora, enfim, entreabrimos o círculo, nós o abrimos, deixamos alguém entrar, chamamos alguém, ou então nós mesmos vamos para fora, nos lançamos”.<sup>27</sup>

Nesse ponto, em que as capacidades criativas e os aspectos cognitivos estão sendo estimulados através de uma musicalização em que se misturam atividades rítmicas, brincadeiras, manuseio de instrumentos, canto, danças, integrando-se às mais diversas manifestações expressivas e integrativas, chega-se a outras etapas onde a improvisação ocupa um espaço essencial.

“E dessa vez é pra ir ao encontro de forças do futuro, forças cósmicas. Lançamo-nos, arriscamos uma improvisação”.<sup>28</sup>

Nos seminários “Uma Educação Musical para o Século XXI”, promovidos pela Pró-Arte<sup>29</sup> do Rio de Janeiro no segundo semestre de 1997, processos educativos demonstrados pelos professores e compositores (entre outros) Luiz Carlos Csëko, Carlos Kater, Murray Schaffer e pela educadora e psicóloga Aude Kater transmitiram propostas de trabalho sintonizadas com a contemporaneidade, dirigidas às crianças e jovens desse final de década, de século, de milênio.

Sem dúvida, nosso século produziu grandes mestres como Emile Jaques-Dalcroze, Carl Orff, Zoltan Kodály, Edgar Willems e tantos outros que ajudaram a ampliar os recursos que enriqueceram os caminhos da educação musical. Mas os seminários da Pró-Arte demonstraram a existência de uma nova filosofia em termos de utilização do espaço pedagógico, ou seja, as chamadas oficinas de música. Trata-se de um enfoque onde se valoriza a emissão de sons corporais, a percepção dos sons ambientais e sua integração às atividades desenvolvidas, os movimentos improvisados, a criatividade rítmico-sonora a partir de desenhos, a criação de máscaras e sua utilização em grupos de trabalho sobre um tema escolhido, a criação de partituras musicais adequadas ao universo infantil, e outras tantas propostas.

As oficinas de música se tornam oficinas da própria existência, um palco onde se representam os papéis que possivelmente serão vivenciados na vida futura. Elas também representam uma etapa de pas-

---

<sup>27</sup> Ibid, p. 116.

<sup>28</sup> Ibid, p. 117.

<sup>29</sup> Seminários de Música Pró-Arte, escola de música localizada no Rio de Janeiro.



sagem entre dois meios, “mu dar de meio, reproduzindo com energia, é o ritmo. Aterrissar, amerrissar, alçar vôo ...”<sup>30</sup>

Consideramos que essas oficinas representam na educação musical infantil a fase do crescimento, na qual as responsabilidades individuais e os limites comportamentais se configuram paralelamente à aprendizagem e ao ingresso no mundo adulto. Aterrissando, amerrissando, alçando vôo, as crianças estão rompendo o círculo, atingindo os novos caminhos que a sobrevivência impõe.

E assim se completa o ciclo do ritornello, “forças do caos, forças terrestres, forças cósmicas : tudo isso se afronta e concorre no ritornello”.<sup>31</sup>

Acreditamos ter estabelecido o elo de ligação entre a função educativa decorrente das etapas do ritornello: o canto da mãe dirigido ao feto, a roda infantil, as atividades rítmico-sonoras, as oficinas. A musicalização (formal ou informal) contribui para a marcação de território, repetindo o canto do pássaro, atenuando a aflição do caos, fixando a morada, abrindo o mundo para a passagem dos meios, até se alcançar o cosmos e a plenitude. E o ciclo se repetirá infinitamente, enquanto houver vida, enquanto houver música.

## Referências Bibliográficas

AMTMANN, Inger-Marie. Music for the Unborn Child , In: *International Journal of Music Education*. UK. Conference Edition, ISME - Number 29 - 1997.

ARONOFF, Frances Weber. *La Musica y el Niño Pequeño*.- Buenos Aires: Ricordi Americana. 1974. New York: Edição original 1969.

BAYLE, François et al. *Penser/Créer in La Nature de La Pensée*. Colloque organisé par la Bibliothèque Municipale de Lyon, conception Patrick Bazin. 1998, Révision 1992.

DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Felix. *Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia*. Vol. 4. São Paulo. Editora 34 Ltda. 1997.

GAINZA, Violeta Hemsy. *Estudos de Psicopedagogia Musical*. São Paulo. Summus Editorial. 1998.

---

<sup>30</sup> Ibid, p. 117.

<sup>31</sup> Ibid, p. 118.